

Antonio Negri nas Lutas da Multidão no Chile

Conversação entre Antonio Negri (Toni) com os estudantes chilenos mobilizados em torno da ocupação da Universidade do Chile

Tradução de Gerardo Silva

Revisão: Leonora Corsini

Santiago de Chile, 28 de outubro de 2011

Muito nos alegramos de poder apresentar Toni Negri, a quem agradecemos a gentileza de aceitar vir até aqui, até este espaço ocupado. Ele nos pediu para não fazer uma conferência, e para começar logo com as perguntas e assim estabelecer um diálogo com os estudantes. Então, convidamos a todos a refletir sobre o que querem pensar, mais do que apenas escutar o que Toni Negri tem a dizer.

Felipe: Bom, a minha pergunta é a seguinte: no contexto particular da universidade ocupada sob controle dos estudantes, como hoje aqui, o que o senhor acha das articulações que podem ser estabelecidas entre as bases, que detêm certo poder, mas que coexistem com a verticalidade de uma federação, com seus presidentes, dirigentes e/ou representantes, em paralelo a este movimento?

Toni Negri: Compreendo bem o conceito de horizontalidade, ou seja, é evidente para mim que esses espaços universitários se desenvolvem em um terreno de comunicação e de cooperação entre os movimentos. Já sobre aspectos da verticalidade, seja da federação seja da organização dos estudantes ou do movimento estudantil, é bastante difícil intervir porque não conheço muito bem a situação chilena. Poderia dizer, de modo geral, considerando as

experiências vividas nas ocupações das universidades na Europa, a partir de 1968 e inclusive antes, que as relações entre as “organizações” e o movimento têm sido sempre contraditórias. São contraditórias porque as organizações determinam um *continuum*, e estão vinculadas a uma finalidade determinada, têm um *telos*, por assim dizer. Uma finalidade interior que as domina e que acaba transformando, de maneira quase inevitável, as mobilizações organizacionais em mobilizações políticas, isto é, em dispositivos que buscam fixar. Não se trata, porém, de uma lei geral, e pode haver alternativas, como se observa muito frequentemente no âmbito das lutas. Mas é evidente que estas não são leis gerais, pode haver alternativas e, com muita frequência, já as temos visto. Penso, por exemplo, nos grandes movimentos de autonomia, a autonomia operária, sobretudo, e também a autonomia universitária ou a autonomia social, nos anos 70 na Itália. A relação entre as organizações consistia em *lugares* determinados: lugares operários nas fábricas, lugares estudantis na universidade, ou sociais nos centros sociais ou em certos bairros, etc. E tudo isto tinha a ver com a dimensão vertical que eram as relações de potência. Quer dizer, através da relação vertical, as coisas enraizadas nas realidades do movimento encontraram força, potência. Esta é a outra face da relação verticalidade/horizontalidade. Pode se apresentar aquela da qual falamos, contraditória, um pouco parasitária do ponto de vista da organização horizontal; ou pode haver, ao contrário, uma máquina organizacional que se alimenta desta relação entre verticalidade e horizontalidade. Penso que resolver este problema é como resolver a quadratura do círculo, e em tudo isto não existe teoria, existem práticas, há capacidade política e, sobretudo, condições de classe. Creio que quando se serve ao interesse dos mais pobres e se organiza a vontade dos explorados, neste momento se encontra a força para resolver os problemas organizacionais, porque os problemas organizacionais são sempre secundários, e não primários. Agora, por exemplo, venho de uma experiência que já testemunhei por duas vezes, a dos indignados espanhóis: há ali um problema não resolvido entre a dimensão vertical e horizontal, embora se disponha de uma maneira bem viva a partir do uso de novos elementos tecnológicos e das redes sociais, Facebook, mas, sobretudo, Twitter, que permite que sempre se faça uma sondagem das bases, uma sondagem contínua, instantânea, das decisões a tomar. Evidentemente, isto em si não é conclusivo. Trata-se de um problema aberto e que precisa permanecer aberto.

Nicolás: Eu queria lhe fazer uma pergunta bem situada no contexto chileno, porque embora estas mobilizações tenham suas causas locais, específicas, sucedem em um contexto global no qual também há mobilizações, principalmente na Europa e nos países árabes. A pergunta precisamente é de que maneira se pode entender uma articulação entre esses diversos problemas locais a uma escala global, observando-o, sobretudo, desde a perspectiva do seu trabalho em torno a Império e Multidão.

Toni Negri: Creio que antes de tudo há uma primeira definição de continuidade ou contiguidade. Definição que não é nossa, na realidade, mas do capital. É o capital que está em fase de crise que deve reconhecer as resistências que se dão aqui e acolá, da maneiras mais ou menos forte, de maneiras mais ou menos conscientes. Se da uma relação por *reação* à crise, sobretudo, que determina a contiguidade deste movimento. E como já sabemos, o capital funciona sempre em função dos ciclos de crescimento, de estabilidade ou de crise. E nos ciclos de crise a vivacidade das respostas, das reações, é sempre mais forte; reações populares, reações de classe. Mas esta é somente a primeira face desta contiguidade, desta continuidade.

Tem uma segunda situação, um segundo momento de contiguidade, é quando dois elementos, a composição técnica e a composição política dos movimentos de resistência, insurrecionais, revolucionários, ou em qualquer uma das suas diferentes intensidades, chegam a estabelecer uma pequena combinação, a encontrar-se em um momento particular. Hoje é evidente que o elemento fundamental do ponto de vista da composição técnica das forças que se agitam e lutam é, sobretudo, a força de trabalho intelectual e cognitivo. Existe uma relevância desta força de trabalho cognitiva que é de fato, tendencialmente – e insisto sobre a tendência – hegemônica no nível do capitalismo hoje, e que é evidentemente protagonista na organização atual da resistência. E é então a força de trabalho intelectual, cognitiva, que está hoje no centro das resistências que se determinam. Tudo isso é válido neste momento, em todas as partes, e penso que aqui no Chile, neste país tão estranho no qual, como conversávamos hoje de manhã com outros camaradas, há por um lado um nível político tão atrasado, tão louco e estranho, um neoliberalismo que foi inventado na Universidade de Chicago e que se aplicou de maneira chocante, provavelmente só aqui (o Chile é um país único deste ponto de vista); e por outro lado, ao contrário, um grande desenvolvimento da força de trabalho intelectual,

uma maturidade das reações cívicas mais do que de classe, coisa que resulta sumamente interessante. Então a relação entre luta local, luta situada no horizonte geral das lutas, no nível global, das lutas multitudinárias se preferirem, encontram, e estou bastante convencido disso, homogeneidades profundas, embora haja ausência de organização global. E temos de insistir sobre esta homogeneidade. Por exemplo, é evidente que passados os ciclos de luta de 2000 e 2001, em Seattle ou Gênova, todas essas lutas neoglobais ou alterglobais, como queiram chamá-las, temos agora diante de nós outras lutas, com uma homogeneidade bastante particular. E é preciso dar atenção a isso: o que é que une, por exemplo, as lutas dos países árabes, do Mediterrâneo, com as lutas dos estudantes chilenos? Ou a luta extremamente violenta na Grécia com o movimento sumamente potente, embora não violento, que temos visto na Espanha? Que é que junta a manifestação difusa que passa através dos sindicatos, que às vezes são completamente autônomos, como na Itália ou França, com a luta feroz, extremamente violenta das rebeliões da Grécia? São coisas que agora começamos a ver com mais clareza. E a homogeneidade é aquela de que falávamos antes, fundamentalmente a unidade na composição técnica, quer dizer, da força de trabalho intelectual. E esta também se encontra nos países do mundo árabe. Na Tunísia, por exemplo, há um nível cultural impressionante. Se vocês pensarem, faz apenas uma década que os grandes padrões neoliberais, neoconservadores americanos, levavam sua campanha contra a “barbárie” islâmica e árabe. E isso era uma loucura! Trata-se de gente formidável. A educação primária e secundária funcionou. E funcionou em dois sentidos: comunicando um saber e educando para a crítica desse saber.

Na relação entre esta nova estratificação de classe na qual já não está apenas a classe operária, mas também os estratos mais pobres, mais sofridos da classe média, há classes intelectuais que são relativamente independentes das condições econômicas nas quais se desenvolve a crise hoje. Isso determinou todo um novo conjunto explosivo, sobre o qual temos que trabalhar desde um ponto de vista político. Estamos no início de um ciclo, não no fim.

Raúl: A pergunta é a seguinte, qual é a sua opinião sobre a tensão que há entre o social e o político no movimento atual? Quer dizer, se segundo o senhor, neste momento, que é um momento de máxima elevação, devemos continuar dentro de um ‘movimentismo’, dentro de

uma esfera somente ancorada no social, ou se damos um salto para o político, no sentido clássico do termo.

Toni Negri: Bom, esse é problema central. Mas, acredito que devemos ter muito cuidado com a palavra “política”. Por que o político não é somente o Estado, o público, o representativo, a política profissional, a política moderna. A modernidade definiu o político como o poder representativo transcendente. E hoje quando falamos do político, inclusive de composição política, sempre temos que ter em conta certas hibridações entre o social e o político. O político não é independente. Penso que hoje a característica das lutas contemporâneas, das lutas que começaram com a primeira fase altermundialista, neoglobal, etc.; no começo do século XXI, e depois esse enorme ciclo de lutas contra a crise que hoje estamos vivendo, realmente tem começado a redeterminar o terreno do político. A redeterminá-lo no sentido de por o político como algo que é completamente anterior ao social. Sento sempre muita abstrata a pergunta sobre a passagem do social para o político e me pergunto cada vez mais e com mais força, o que é o político que se encontra dentro do social. Como se faz para expressar essa necessidade de comunidade, de ação conjunta, de igualdade, de liberdade, ao interior da comunicação, ao interior do trabalho, ao interior da educação? (os problemas da educação, os problemas do saber, da saúde e, enfim, todos os outros problemas, são problemas que temos que considerar desde dentro). Não temos que esperar uma mudança de governo para fazer as coisas! E então justamente, temos que há uma nova forma de fazer política que não é metodológica, que não é um problema de método: passar do social para o político, passar do sindicato para o partido, passar da luta generalizada, às vezes espontânea, etc., para a luta eleitoral e representativa; não! O grande problema hoje é o de começar a pensar como podem ser determinadas novas formas de vida em comum. E como nos mesmo podemos educar para esse fim. E para que esse discurso não pareça utópico ou moralista, quero destacar um fato fundamental: o trabalho já é comum. As formas em que se trabalha hoje, desde o ponto de vista intelectual. São formas nas quais o conjunto da comunidade, a socialização do trabalho, vem antes da organização capitalista desta comunicação, desta associação; da nossa cabeça, do nosso trabalho intelectual, cognitivo. A comunidade é prévia, anterior ao trabalho, assim como na vida, onde hoje em dia resulta praticamente inimaginável pensar em uma vida que não esteja cheia de todas essas

virtudes, paixões, afetos que são fundamentais na nossa vida comum atual. O capital hoje em dia explora não o trabalhador individualmente, mas o conjunto dos trabalhadores; o capital está restringido, está sendo enfrentado pela composição do trabalho. Então é isso: o social é muito mais importante do que já foi e o político muito menos importante do que já foi.

Francisco: Eu queria fazer uma pergunta sobre o problema da violência. Pelo que entendi, você tira de cena a possibilidade de competir militarmente com as forças concentradas do Império, com os métodos de dominação, já que a forma que a multidão tem de enfrentar a violência e superá-la é converter-se em força política. Aqui no Chile o que temos, no meu ponto de vista, é que este tema tem sido problematizado no movimento estudantil deste ano, porque este se viu impelido à violência pela repressão do governo, e o monopólio dos métodos de violência misturou-se com o monopólio dos meios de comunicação. O que temos visto é que o movimento se mantém de certa forma empacado, impopularizou-se diante da opinião pública, e não encontra uma forma de solucionar o problema, de desenhar uma estratégia que permita fazer oposição ao governo.

Toni Negri: Bom, sabemos que a violência é um elemento fundamental do social e do político. *Só não há violência quando somos livres para não trabalhar.* Cada vez que trabalhamos, ou sofremos ou exercemos a violência sobre alguém. Nós, os velhos autonomistas na Itália, por exemplo, priorizamos durante anos a recusa do trabalho como possibilidade de libertação, de emancipação do homem, e inclusive chegamos a nos perguntar até que ponto o comunismo não era isso: a libertação do homem do trabalho. Então, a violência não é somente a violência física do Estado, a violência é um conteúdo sistemático e pleno de nossa existência. Penso que a cada violência se opõe uma resistência; a cada violência na vida, existirá uma resistência que se opõe a ela; e o Capital é sempre uma relação: se o capitalista ou o patrão não conseguisse impor através da violência um determinado salário a um trabalhador, ao trabalho vivo, o Capital deixaria de existir. Há uma relação de violência aí. Não estou com isto tentando evitar sua pergunta. Só quero dizer que ela se torna importante no momento em que se verifica todo o resto da violência social e da resistência social. Falar de violência simplesmente é fazer extremismo. Há que se falar de violência sempre, todos os dias, em torno de cada ação social e que estivermos implicados, e

resistir em todos os momentos. Somente quando fizermos isto poderemos começar a falar de violência, essa violência dura, que significa mortos, derrotas e vitórias. Mas, para quê? Para construir um mundo sem violência! Então, para mim, falar do problema da violência é necessário, mas creio que qualquer pessoa que haja feito política seriamente, sobretudo a partir dos movimentos, cada vez que se encontra frente à repressão – e a repressão é um mecanismo praticamente normal na vida política – começa a colocar o problema da violência de maneira abstrata. E há que se ter muito cuidado aí! Nos anos 60, por exemplo, é claro que houve decisões importantes no terreno da violência, na Europa, na Itália, na França, Alemanha, decisões que estavam profundamente erradas (inclusive eu mesmo!), e creio que já superamos os problemas nos termos em que estavam sendo colocados naquela época, e os superamos justamente compreendendo a *potência*, mais do que a violência, que é necessária hoje para desenvolver o que dizíamos antes, o social contra o político: abrir verdadeiramente nossa luta, nossa capacidade de organização a outros setores, a outras forças sociais. Tudo isto não é para evitar a violência, mas para chegar ao enfrentamento de maneira organizada e sermos capazes de reunir a sociedade que trabalha, a sociedade que sofre, *na* luta.

Maurício: Eu vou mudar um pouco de tema, mas seguindo a linha das temáticas da violência e movimentos sociais. A mim me parece que o que aconteceu na Líbia há pouco tempo demonstra como alguns movimentos sociais de países fora da Europa são *ocupados*, pela própria OTAN neste caso, para exportar modelos de democracia – apesar de que aí também esteja o petróleo – para outros países. Assim, os movimentos sociais são visibilizados, mostrados, saem muito no Facebook, no Twitter, mas, por sua vez, isto serve também para que a OTAN diga “vamos intervir na Líbia para defender os direitos humanos”, logrando assim derrubar governos não desejáveis e impondo a *sua* forma de democracia. A pergunta então é como os movimentos sociais podem responder a isso?

Toni Negri: É evidente que é preciso saber olhar bem as coisas, uma por uma. Como dizíamos antes, hoje em dia ainda não existem formas políticas globais de resposta, de resistência; há profundas homogeneidades nos comportamentos sociais, mas não formas globais politicamente efetivas. Deste modo, o modelo de intervenção repressivo, de reequilíbrio global, é um modelo que apresenta diferenças enormes, fundamentais, e este é

um campo de estudo e análise ainda aberto. Se pegarmos, por exemplo, os três países onde houve revoltas profundas: Tunísia, Líbia e Egito, teremos três formas de rebelião, diferentes conceitos de democracia e assim também diferentes modelos de repressão, de intervenção. Na Tunísia vimos o que chamamos de via turca, ou seja, uma reorganização de forças islâmicas moderadas, um pouco como o modelo das democracias cristãs na Europa nos finais da Segunda Guerra Mundial. Na Líbia houve uma intervenção militar extremamente dura, e provavelmente veremos uma guerra civil de amplas proporções; no Egito temos uma situação diferente, no sentido de que no Egito o exército não constitui apenas uma força militar, mas é também uma camada social, uma espécie de classe média abastada, justamente em função da equação formulada por você, esta equação de recuperação que se dá em situações diferentes.

Creio que na Europa a situação é mais homogênea no nível da resistência e dos meios de reorganização; de repressão e de reequilíbrio capitalista no território. No espaço europeu se torna evidente que o problema toca imediatamente a forma de governo, a sua forma democrática, à representação política: é o problema da representação, tal como foi colocado na tradição moderna, o que está em crise na Europa. É uma crise constitucional, uma crise profunda que alcança todas as forças políticas, tanto as liberais como a força política dos movimentos, e não me refiro à esquerda, porque na Europa, pelo menos, a esquerda é algo que não se consegue definir com facilidade. Como vocês sabem, os partidos europeus sempre funcionaram de duas formas, por um lado como associação de cidadãos, e por outro como órgão do Estado, a forma estatal por excelência, constituinte da decisão política através de alianças e até mesmo diretamente. Esta dupla forma da constituição política dos partidos encontra-se hoje em crise, em uma crise profunda; o fenômeno associativo e o fenômeno da participação na ação e na decisão política é hoje inexistente. É isto que se quebrou e vem rompendo, de maneira cumulativa, a possibilidade de transmissão da vontade popular ao Estado.

Alfonso: Bem, minha pergunta é mais concreta e aplicada ao caso chileno. Trata-se de saber onde você colocaria a prioridade na articulação dos atores de nosso movimento social. Porque acontece que de um lado temos os estudantes universitários, por exemplo, que dependem principalmente do Estado; os secundaristas, que dependem da municipalidade; e, em seguida, os trabalhadores, com um nível de sindicalização praticamente inexistente. E todos eles

convivem na busca de mecanismos de luta e de pressão a um Estado onde as pessoas que governam vêm de uma tradição golpista, e onde faz parte da chamada oposição a Democracia Cristã que ajudou a pavimentar o caminho da ditadura. Então, repito, minha dúvida é com relação às prioridades da articulação social dentro do movimento e seus distintos atores, assim como com os mecanismos de luta e pressão; como manter ativo um movimento nestas condições, como vê-lo a longo prazo.

Toni Negri: É evidente que não posso responder a essa pergunta. No máximo posso tentar trabalhar ao redor do discurso que você esboça. Os problemas da organização das lutas no Chile não é um problema dos chilenos, mas das pessoas que trabalham nos movimentos, aqueles que decidem e fazem as coisas. Eu não sou ninguém para dar conselhos – nem mesmo conselhos – sem tentar compreender o que significa lutar em uma situação como a chilena. Mas está também claro que o fato de existirem elementos golpistas no governo, uma tradição reacionária – e a própria particularidade de ter sido o país de choque dos Chicago Boys – tudo isto determina enormes dificuldades para o movimento. Mas não creio que haja um atalho para esta situação. A única maneira de transformar este país, do mesmo modo que todos os países que se encontram em situação análoga, é construir articulações políticas, militantes; reunir trabalhadores e estudantes; reunir as mulheres e os homens; construir programas, impor programas que não sejam simples transformações tranqüilas da ordem social existente. Há que ter uma imaginação revolucionária até o final, no trabalho de todos os dias! Quando éramos jovens nos diziam: “para construir uma organização, é preciso ir para a frente das fábricas”. E isto foi o que nos fizemos durante vinte anos antes de tentar tocar o poder, antes de lutar diretamente contra o poder: estivemos por vinte anos na frente das fábricas, cada manhã, às 5 da madrugada. Isto é fazer política! Isto é construir maiorias! Isto é construir forças, potências! Então creio que hoje estamos diante de um problema fundamental, que é o de discutir as novas formas de representação, as novas formas de participação. Não podemos mais permitir que a imprensa esteja nas mãos dos patrões, toda ela. Que significa hoje a liberdade de expressão? Porque este é um grande princípio democrático... Não significa nada! Eu não sei, mas minha avó já entendia há alguns anos que falar de liberdade de expressão quando não possuíamos os meios para nos expressar era folclore. E hoje nos encontramos na situação oposta em que a suprema corte dos Estados

Unidos permite, com uma sentença dada, clara, dirigida a todos os capitalistas, que se dê todo o dinheiro que se queira dar aos políticos para defender o *free speech*, ou seja, o direito de se expressar. Não há limites de financiamento. E o que significa isto? É preciso ir aos jornais e revistas, fazer propaganda, romper esta situação indigna dos direitos do homem. Isto é construir uma perspectiva para que falar dos grandes princípios da liberdade, da igualdade, da verdade, da democracia, possa ter um sentido!

Daniel: Minha pergunta é como o senhor vê a relação do poder burocrático com o que está se passando na atualidade? Como o senhor diria que a burocracia vai se movimentar diante dos processos sociais hoje internacionais, desde o caso chileno até os movimentos árabes?

Toni Negri: Bom, eu não sei. Posso te contar como estão reagindo em outras partes; não conheço as particularidades da democracia chilena. Sei que é muito alemã em seu comportamento. Não? Enfim, temos, por exemplo, que em outros lugares se têm criado leis para impedir os movimentos de se organizarem. Outras vezes são feitas diretamente leis para reprimir o movimento. Outras, ainda, pelo contrário, são promovidas grandes reformas, como na universidade, por exemplo. Na França, em 1968, a reforma universitária foi extremamente profunda e custou uma enorme quantidade de dinheiro ao Estado. Em países como a Alemanha, o efeito do maio de 68 foi a “Constituição dos Homens Livres”, áreas em que se podia ocupar apartamentos, viver uma vida independente, etc. e esta foi a base a partir da qual o Partido Verde se organizou. Então, as formas em que se podem esperar as respostas estão completamente ligadas às formas do movimento. A decisão nunca é independente da relação de forças, e isto nos permite voltar à pergunta sobre o Chile e sobre a qual não posso, evidentemente, intervir.

Nicolás: Atualmente, no sistema de educação superior chileno, cerca de 2/3 dos estudantes estão se formando em instituições privadas de ensino. Então as reivindicações do movimento estudantil vão em duas direções: uma é que os recursos estatais sejam dirigidos unicamente para as universidades estatais, que estariam dentro do conceito de Direito Público; a segunda alternativa que se começa a debater é a ideia de que também as instituições de educação privada possam receber recursos públicos, mas somente na medida em que não obtenham

lucros e que cumpram determinados pré-requisitos, de democratização etc. Então, gostaria de perguntar sobre as implicações que estão por trás de reivindicações como estas; se seria por meio desse tipo de reivindicação que se expressaria uma política do comum.

Toni Negri: Estou totalmente convencido de que este tipo de reivindicação ou de objetivo de luta esteja correto. Estou igualmente convencido que o reequilíbrio entre privado e público tem que ser um reequilíbrio no qual principalmente o princípio de igualdade seja levado até o fim. Mas isto não significa pensar que através do Estado exista uma certa igualdade assegurada. Temos então que começar a discutir a fundo a participação de todos os cidadãos na gestão dos bens públicos. Este é o problema de hoje, e não o de restabelecer o público: eis outro problema ao qual os Chicago Boys nos restringiram! É preciso se convencer de que o Estado-nação não é mais um Estado público. O Estado-nação se acabou! O Estado público se acabou! Atualmente, os grandes organismos de avaliação baixaram a nota dos Estados Unidos, e não somente da Grécia, Espanha ou Itália. Hoje em dia a única defesa que temos é a possibilidade de avançar na frente de luta; a participação. A democracia não é mais uma democracia representativa, e por isto deve ser reorganizada, tem que renascer, e tem que fazê-lo inevitavelmente de maneiras cosmopolitas. Mas na Europa as pessoas se distraem, apesar de tudo, vendo Berlusconi ser levado como um cãozinho pelos alemães e suas agências de emprego. E por outro lado Sarkozy se diverte porque a pobre Merkel é tratada da mesma maneira. E não é porque Berlusconi faça '*bunga bunga*' que é tratado desta maneira; ele é tratado assim porque é nisto que se converteu o Estado-nação: em simples intermediário do comando das finanças. Ou temos a capacidade de reinventar as formas de associação, inclusive as grandes formas de associação, os macro-organismos nos quais as pessoas se juntam, se associam, constroem política, constroem o seu destino, através da participação, através de uma democracia profunda; ou de outro modo seremos sempre escravos desta reorganização capitalista crítica, cansativa, que não consegue nem se desenvolver por si mesma. Então, como faremos?!

Muito obrigado.